

Cupertinos

Rosa sine spinis

A devoção mariana na Idade de Ouro da polifonia portuguesa

Asperges me, a 5	Francisco Garro (1556 - 1623)	4'30
Sancta Maria, a 4	Francisco Guerrero (1528 - 1599)	4'
Missa Sancta Maria, a 4	Duarte Lobo (1565 - 1646)	
Kyrie		4'
Gloria		6'
Regina cæli, a 4	Pedro de Cristo (1545 - 1618)	2'
Missa Sancta Maria	Duarte Lobo	
Credo		7'
Sancta Maria succurre, a 6	Estêvão de Brito (1575 - 1641)	3'40
Missa Sancta Maria	Duarte Lobo	
Sanctus		5'
Agnus Dei		4'
Ave Maris Stella, a 4	Estêvão Lopes Morago (1575 - 1630)	5
Alma Redemptoris Mater, a 8	Duarte Lobo	3'
Ave Maria, a 8	Pedro de Cristo	3'
	Total [aprox.]	51'

Cupertinos

Pedro Teixeira, direcção

Notas de programa

Na tradição musical portuguesa do Renascimento, a figura da Virgem Maria ocupa um lugar de particular relevo. As catedrais e mosteiros eram espaços de intensa devoção

mariana, o que se reflecte na abundância de motetes, antífonas e missas dedicadas à Mãe de Deus. Os compositores da chamada “geração de ouro” da polifonia portuguesa — como Duarte Lobo, Manuel Cardoso, Filipe de Magalhães ou Estêvão Lopes Morago — exploraram o repertório mariano com grande diversidade estilística, alternando a solenidade dos cânticos litúrgicos com uma escrita de intensa expressividade espiritual. Este corpus de obras não só testemunha a importância da liturgia mariana no quotidiano religioso do século XVI e XVII, mas também revela o apuro técnico e a profundidade estética dos mestres portugueses, que souberam transformar a devoção em música de sublime beleza e densidade polifónica.

Rosa sine spinis centra-se neste repertório mariano português, reunindo obras dedicadas à Virgem Maria. Em destaque está a Missa Sancta Maria de Duarte Lobo, baseada no motete homónimo do espanhol Francisco Guerrero (que antecede a missa), evidenciando a relação íntima entre modelo e missa-paródia. Duarte Lobo, formado na Escola de Música da Sé de Évora e posteriormente mestre de capela da Sé Patriarcal de Lisboa, demonstra nesta obra uma notável sofisticação técnica e clareza contrapontística.

O programa apresenta ainda motetes de compositores de grande relevo para além de Lobo e Francisco Guerrero — referência incontornável da polifonia sevillhana, e autor que marcou gerações de compositores ibéricos. Francisco Garro, compositor espanhol activo entre o final do século XVI e o início do XVII, desenvolveu a sua carreira em estreita ligação com Portugal. Natural de Alfaró, La Rioja, estudou e trabalhou em várias catedrais espanholas antes de integrar a Capela Real em Lisboa, onde sucedeu António Carreira como mestre de capela, cargo que exerceu até à sua morte. Em 1609 publicou, em Lisboa, duas importantes coleções de música sacra — um livro de missas e outro de motetes e antífonas — que constituem os primeiros volumes de polifonia impressos em Portugal. O seu *Asperges me*, que abre o concerto, revela uma escrita exuberante, de características próprias e fazendo uso recorrente da alternância entre o compasso binário e o ternário. Estêvão Lopes Morago, natural de Vallecas (Madrid), veio para Portugal com cerca de 8 anos de idade, e integrou os moços de coro da Sé de Évora, prosseguindo estudos na sua Escola de Música, antes de assumir o cargo de mestre de capela na Sé de Viseu, onde deixou obra de notável densidade expressiva. Estêvão de Brito, natural de Serpa e formado igualmente em Évora, seguiu carreira como mestre de capela em Badajoz e Málaga, ilustrando a mobilidade artística na Península Ibérica. Pedro de Cristo, por sua vez, figura central do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, equilibrou tradições locais e influências cortesãs, num estilo depurado e elegante.

O programa encerra com obras a oito vozes (a 8) dispostas em duplo coro, revelando a prática policoral que, na época, florescia também em Portugal.

Através do estudo e execução continuada do repertório vocal dos mais importantes compositores portugueses renascentistas, o Ensemble Cupertino oferece ao público não apenas uma fruição estética, mas também instrumentos de leitura histórica e musicológica, evidenciando as redes artísticas, pedagógicas e institucionais que, entre Évora, Lisboa, Coimbra e a península em geral, deram origem a um dos períodos mais férteis e brilhantes da história musical portuguesa.

Pedro Teixeira

Programme Notes

In the Portuguese Renaissance musical tradition, the figure of the Virgin Mary holds a particularly prominent place. Cathedrals and monasteries were centres of intense Marian devotion, reflected in the abundance of motets, antiphons, and masses dedicated to the Mother of God. Composers of the so-called “golden age” of Portuguese polyphony — such as Duarte Lobo, Manuel Cardoso, Filipe de Magalhães, and Estêvão Lopes Morago — explored Marian repertoire with remarkable stylistic variety, moving between the solemnity of liturgical chant and writing of profound spiritual expressiveness.

This body of works not only bears witness to the importance of Marian liturgy in the religious life of the sixteenth and seventeenth centuries, but also reveals the technical refinement and aesthetic depth of Portuguese masters, who transformed devotion into music of sublime beauty and rich polyphonic density.

Rosa sine spinis focuses on this Portuguese Marian repertoire, bringing together works dedicated to the Virgin Mary. At its centre stands *Missa Sancta Maria* by Duarte Lobo, based on the homonymous motet by the Spanish composer Francisco Guerrero (performed immediately beforehand), highlighting the close relationship between model and parody mass. Duarte Lobo, trained at the Cathedral Music School of Évora and later chapel master of Lisbon’s Patriarchal See, displays here a notable technical sophistication and great clarity of counterpoint.

The programme also features motets by composers of major significance beyond Lobo and Francisco Guerrero — the latter an essential reference of Sevillian polyphony, whose influence shaped generations of Iberian composers. Francisco Garro, a Spanish composer active between the late sixteenth and early seventeenth centuries, developed his career in

close connection with Portugal. Born in Alfaro, La Rioja, he studied and worked in several Spanish cathedrals before joining the Royal Chapel in Lisbon, where he succeeded António Carreira as chapel master, a position he held until his death. In 1609 he published, in Lisbon, two important collections of sacred music — a book of masses and another of motets and antiphons — the first printed volumes of polyphony produced in Portugal. His *Asperges me*, which opens the concert, reveals an exuberant and distinctive style, making recurrent use of the alternation between duple and triple time.

Estêvão Lopes Morago, born in Vallecas (Madrid), came to Portugal at around eight years of age and joined the choirboys of Évora Cathedral, later studying at its renowned Music School before becoming chapel master at the Cathedral of Viseu, where he left a body of works of remarkable expressive depth. Estêvão de Brito, born in Serpa and likewise trained in Évora, pursued a career as chapel master in Badajoz and Málaga, illustrating the artistic mobility of the Iberian Peninsula. Pedro de Cristo, in turn, a central figure of the Monastery of Santa Cruz in Coimbra, balanced local traditions with courtly influences, creating a style that is refined and elegant.

The programme concludes with works for eight voices (a 8) arranged in double choir, reflecting the polychoral practice that, at the time, also flourished in Portugal.

Through the sustained exploration and performance of the vocal heritage of the most significant Portuguese Renaissance composers, Ensemble Cupertinos seeks to illuminate the artistic, pedagogical, and institutional networks that connected Évora, Lisbon, Coimbra, and the wider Iberian world — networks that shaped one of the most fertile and distinguished periods in Portuguese musical history.

Pedro Teixeira